

ALMADA NEGREIROS, SUPERLATIVO EM GRANDEZA

«Todos os artistas fazem a sua campanha de rua. Depois, encerram-se e trabalham. A minha campanha de rua terminou. Agora trabalho. Trabalho muito. E vou aprendendo que sou coerente.»

ALMADA NEGREIROS

«Tendo visto e sentido tudo, tenho o dever de me fechar em casa e trabalhar, quanto possa e em tudo quanto possa, para o progresso da civilização e o alargamento da consciência da Humanidade.»

FERNANDO PESSOA

COM o desaparecimento de Almada Negreiros, homem simples, homem da rua, fazendo gala da boina basca, no jeito de Matos Sequeira e Gago Coutinho, de quem foi amigo, encerra-se um largo ciclo da história do espírito português, que nele tentava retomar a perdida originalidade.

Português dos mais ilustres do seu tempo, detentor, pela junção de motivos e atributos, de uma posição-chave na época que lhe correspondeu, Almada principiou assobiado pelas assistências às suas palestras e exposições, acabando aureolado pela fama e acolhido pelo respeito e o apreço da juventude contemporânea, que o elegeu — e muito bem — Mestre.

Ballarino, vitralista, desenhador, poeta, romancista, artista plástico, sonhador, ou como quem diz: Artista — homem de mil ofícios, grande em todos eles, tinha plena consciência do vulto que punham a sua figura e personalidade no mundo português.

Foi uma época singular, agitada, convulso, rica de manifestações artísticas e culturais que nunca chegaram a envelhecer, a que por direito lhe correspondeu, e em que ele cresceu e avultou. Atravessava-se então um momento agudo de crise, de dissolução de valores, e os artistas reagiam ao ceticismo geral pela agressão, pelo sarcasmo, pela vertigem das sensações. Só a provocação feita directamente à vida contentava os que outra coisa não pretendiam a não ser o facto novo, arbitrário e anormal. Sob tudo isto, porém, considerado exterior, aparência, superfície, havia um grave sentido subjacente que a simulação e o jogo literário não ocultavam de todo.

Já adulto, Almada viveu o deflagrar da Primeira Guerra Mundial. Os factos capitais da sua empenhada acção inovadora, vão de 1912 a 17.

Naquele ano Fernando Pessoa publica n' *Águia* uma crítica, hoje célebre (por si mesma e pela história que tem) à estreia de Almada como caricaturista, sua primeira exposição no género. Ele era, nesse aspecto, um émulo de Bordoal Pinheiro e Leal da Câmara — o Leal da Câmara de grande traço, com figuras planturossas, de janotas e de políticos cosmopolitas.

Logo no ano seguinte, reúne-se o grupo do *Orpheu* e, alguns meses depois, sai o primeiro número da revista que escandalizaria Lisboa e, modo geral, a mentalidade tacanha do País. Irrompia assim o Modernismo, corrente estética em que a literatura surge associada às artes plásticas e por elas influenciada, movimento empreendido entre nós por Sá-Carneiro, Almada Negreiros e Fernando Pessoa, sob o influxo das correntes artísticas e literárias mais avançadas da Europa, ou em união com elas.

Delimitado, pois, no tempo, e já hoje com uma perspectiva histórica, o Modernismo teve seus precedentes na literatura e prolongou-se até aos nossos dias. A obra de Almada, onde perpassa mais de meio século da vida intelectual do nosso País, bem o demonstra.

Foi então que as poucas lisonjeiras referências de Fernando Pessoa a um acidente do político Afonso Costa resultaram numa primeira, temporária, dissidência do grupo, nomeadamente de Armando Cortês-Rodrigues e António Ferro, que se dissolvidaram da falange iconoclasta.

No entanto, esta geração teve, como se sabe (e a sua história, bem ou mal, está feita), uma acção profundamente revolucionária dos moldes da cultura portuguesa, e apesar de, na aparência, apenas se manifestar na literatura (sobretudo na poesia) e nas artes plásticas.

Mas será o Almada Negreiros (poeta do *Orpheu*, sensacionista e Narciso do Egipto, conforme a si se designava), autor do explosivo *Manifesto Anti-Dantas*, o que se recordará ainda e sempre ao evocar seja qual for das inúmeras facetas em que o seu génio artístico se revelou e expandiu, sempre em termos de carácter polémico em qualquer dos seus aspectos e manifestações, e quase sempre desconcertantes dos hábitos e perspectivas acanhadas do quotidiano português.

Júlio Dantas desfrutava nessa altura, e desfrutou ainda após o incidente, uma posição destacada de árbitro das letras, constituindo por isso, em contrapartida, o alvo eleito da mocidade irreverente. O *Manifesto*, que o arvorava em vítima, era, como tudo quanto Almada produziu, ou produziram os componentes do *Orpheu*, em absoluto estranho à costumada atitude polida, bem comportadinha, temente a Deus e a tudo (ouvado seja o temor!) das nossas letras e dos nossos costumes sociais. Peça exemplar de polémica, caso único e dos mais curiosos que, ao tempo, se deram a conhecer, constitui uma sátira pessoal, de extraordinária violência, em que o alvejado serve de pretexto para o ataque ao academismo e à literatura convencional e institucionalizada.

Almada Negreiros, que entre nós representou durante cinquenta anos a descoberta da moderni-



Auto-retrato de Almada Negreiros

dade, não pode medir-se apenas pela bitola duma criação estética, como a de grande pintor, entre outras acepções, ou a de singular poeta, e poeta mesmo na prosa sábiamente ingénua de *A Invenção do Dia Claro*. Excelente prosador, que «seduz pelo estilo forte, imponderável, cândido, feito na raiz do português», tal como o definiu Vitorino Nemésio, ele deixou em *Nome de Guerra*, único romance escrito por um componente do *Orpheu*, uma lição de fidelidade do indivíduo a si próprio.

Dramaturgo cheio de virtualidades, por outro lado, pena foi não encontrar aqui uma cultura teatral à altura do talento cénico do autor de *Precisa-se Mulher*.

Mas em Almada teremos de considerar ainda o desenhista maravilhoso, direito ao contorno e significação linear, tocado, às vezes, talvez por um certo maneirismo, e todavia recusando-se obstinadamente ao excesso.

Apaixonado de geometria e dos números, quem pensaria antes dele, e além dele, que a matemática e a filosofia têm alguma coisa a ver com a pintura? De sorte que, ao invés do que sucedia, por ex., com a de Amadeo Souza-Cardoso, e com a pintura portuguesa em geral, a de Almada era sóbria, quase normocromática.

Também como conferencista ele teve uma palavra diferente a dizer, revelando-se pelo sentido da peripécia visualizada e pelo humor — facecioso e, ao mesmo tempo, sério e profundo no alcance das suas objecções e propósitos — humor que nunca o abandonou e desconcertava toda a gente, como sucedeu, além doutras, na escandalosa sessão Futurista que, em 1917, organizou no Teatro República, em Lisboa.

Sem medo à linguagem — «de linearidade prodigiosa; talvez ainda mais elementar que a do seu desenho», ainda na opinião de Vitorino Nemésio: «Ele vai às palavras, desinfecta-as, urde-as de novo» — usando o plebeísmo com o mesmo à-vontade com que manifestava o vivo sentimento da palavra escrita, Almada tinha, ao fazê-lo, o condão de traço pictórico, de modo que, na sua obra, os elementos plásticos e literários harmonizam-se admiravelmente.

E com isto somos levados a pensar em António Pedro, outro das grandes figuras plurais do século.

Todas as formas da vida de um Artista as integrou Almada, já pela indiscutível potencialidade criadora, já pela extraordinária capacidade de ser jovem, que o distinguia entre a própria juventude, mesmo quando, aos setenta e muitos anos, executou na Fundação Gulbenkian o painel que seria a sua derradeira obra, mas para ele não passou de um simples «Começar»...

Homem dentro do seu tempo, contra o tempo atrasado, acabou por estar adiante dele. Não havia pontos finais para Almada Negreiros. Sempre ansioso de novidade e descoberta, era um irrequieto agitador de ideias, o seu desejo de renovação atrevida, a rasgada perspectiva europeia, o gosto do paradoxo e da blague, da ironia e do sarcasmo, conferiam-lhe uma personalidade que a independência, muito vincada, mais acentuava.

Posto falecido no mesmo hospital, de S. Luís dos Franceses, onde morreu o seu amigo e companheiro de *Orpheu*, Fernando Pessoa, querem o autêntico precursor da contestação neste País, onde os — enfim, chegados! — contestatários irromperam tardiamente? Ai o têm: chama-se (atenção ao presente do indicativo), chama-se José Sobral de Almada Negreiros, nasceu em S. Tomé, a si mesmo se considera apenas desenhador, é a acção corporizada, o movimento em que pessoa, e mais vulgarmente conhecido por Almada.

Repousa agora o corpo no cemitério dos Olivais. E todavia, repare-se: tem o olhar extremamente penetrante, a novidade por maneira de ser, a irreverência por emblema, a singularidade por modo de expressão, e o insólito, o diferente, o desabusado, por norma de conduta mental.

TABORDA DE VASCONCELOS